



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## OS DESAFIOS DA POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA NOS PROCESSOS EDUCATIVOS<sup>1</sup>

Rafael de Farias Ferreira<sup>2</sup>; Linduarte Pereira Rodrigues<sup>3</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba*  
*rafaelgeografopb@yahoo.com.br; linduarte.rodrigues@bol.com.br*

**Resumo:** Este artigo busca refletir, por meio de um olhar binocular, as relações que o advento da ciência ocasionou neste início de século (XXI). Questiona o papel da escola frente às mudanças atuais e propõe a popularização da ciência como alternativa de tornar o desenvolvimento científico e tecnológico, ferramenta capaz de promover o envolvimento dos setores sociais que lutam pelos interesses da maioria de base popular. Nesse sentido, o estudo reflete a ciência como instrumento de bem estar, segurança e sobrevivência planetária.

**Palavras-chave:** Ciência. Escola. Popularização da Ciência.

### Introdução

Ciência e tecnologia são fundamentais no desenvolvimento econômico e social em todo planeta, mas todo processo progressivo que não se apoia em uma relação de equidade entre o homem e a natureza e, entre os próprios homens, está marcado por trágicas consequências que ameaçam o futuro da humanidade e do planeta.

Para pensar na promoção de uma consciência planetária, este estudo bibliográfico se organizou em três partes. A primeira evidencia a partir da perspectiva de Morin (2012) como o progresso científico é causador de grandes incertezas e de crises que marginalizam a condição humana – que colocam em risco a vida biológica do planeta, incluindo os homens e os animais que nele habitam.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Professor Doutor Marcelo Gomes Germano, por exigência da disciplina Popularização da Ciência, do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I – Campina Grande-PB. Membro do Grupo de Pesquisa: Teorias do sentido: discursos e significações.

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – Campus I – João Pessoa-PB. Professor do Departamento de Letras e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I – Campina Grande-PB. Membro dos Grupos de Pesquisa: Memória e imaginário das vozes e escrituras; Linguagem, interação, gêneros textuais e ou discursivos; Estudos em letramento, interação e trabalho; Teorias do sentido: discursos e significações.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A segunda evidencia o caminho que a escola deve seguir para proporcionar um conhecimento capaz de inserir os sujeitos nas decisões globais ou para torná-los pesquisadores comprometidos com o bem estar social, ambiental e humano. Finalmente, a terceira parte discute a partir de Germano (2007), Melo Neto (2002), e Werneck (2006), a popularização da ciência como recurso capaz de ocasionar a inclusão social e mudanças significativas no contexto educativo.

O trabalho considera ainda que a popularização da ciência se torna por um lado um desafio e, por outro, uma alternativa, no que tange a inserção dos setores sociais ligados a uma prática popular que considere a vida e o planeta como um bem comum a ser protegido.

### **1 A exigência de um olhar complexo sobre o mundo**

As transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo vêm ocasionando serias preocupações em relação ao futuro do planeta e, acima de tudo, da humanidade. Morin (2012, p. 20) ao realizar argumentos significativos sobre o programa suicida da modernidade, propondo a urgência de um humanismo planetário, no intuito de criar um espírito coletivo de fraternidade, sugere que olhemos para o século XX<sup>4</sup>, com um olhar binocular. A partir do primeiro olho o autor explica que se pode observar “[...] o *continuum* progressivo, aparentemente linear, dos desenvolvimentos científicos técnicos, econômicos, industriais, consumistas, civilizatórios; e é exatamente esta a visão que reina nas concepções sociológicas e tecnoburocráticas”.

O segundo olho<sup>5</sup> “vislumbra um século vulcanizado pelas duas maiores guerras da história da humanidade, ambas mundiais” (MORIN, 2012, p.20). Para ele,

Estas guerras não apenas massacraram e exterminaram populações inteiras; não são apenas ressaca de barbárie oriunda do coração mesmo da civilização, deflagradas pelas nações mais evoluídas do universo, notadamente pela pátria da poesia, da música e da filosofia; elas trazem também tremendas crises sociais, rupturas no vir a ser do mundo, abortos dos processos de emancipação (MORIN, 2012, p.20).

---

<sup>4</sup> O autor caracteriza o século XX como o século das crises. Em sua perspectiva teórica é adotada um concepção complexa sobre o conhecimento, na qual, o passado, o presente e o futuro são interligados de modo que eles se transformam em fundamentos de uma cadeia geradora de conhecimentos mais lúcidos sobre o presente e sobre as projeções suficientemente incertas do futuro (MORIN, 2012, p.15).

<sup>5</sup> Entende-se que o segundo olho seria omitido do processo histórico do conhecimento legitimado pela classe dominante. O autor busca evidenciar os efeitos dessa omissão de fatos que impede uma visão lúcida da realidade.



Trazendo essa perspectiva binocular para este início de século XXI, observaremos que o processo de globalização, que é um fenômeno de fusões e concentrações oriundas do capitalismo contemporâneo, expandiu-se de tal forma que provocou repercussões em toda vida social, resultando num conjunto de fenômenos novos na economia, na política e na sociedade (COSTA, 2008).

Para Libâneo *et al.* (2011, p.51), as novas dinâmicas sociais decorrem, “sobretudo, dos avanços tecnológicos, da restauração do sistema de produção e desenvolvimento, da compreensão do Estado, das modificações nele operadas e das mudanças no sistema financeiro, na organização do trabalho e nos hábitos de consumo”.

A partir do Relatório sobre o *status* da ciência em torno do mundo, lançado em 2010 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), observa-se como a ciência foi importante para o crescimento da economia mundial. Os anos entre 1996 e 2007 foram marcados pelo rápido crescimento global, guiado por novas tecnologias digitais. Mesmo, com a repentina desacelerada de investimento a ciência, provocado pela recessão econômica global desencadeada pela crise das hipotecas nos Estados Unidos no terceiro trimestre de 2008, algumas tendências evidenciam que o papel do conhecimento científico está sendo decisivo nas relações econômicas do mundo (HOLLANDERS & SOETE, 2010).

Algumas tendências apontadas pelos autores estão materializadas em três aspectos, como evidenciadas na Figura 1.

**Figura 1:** Principais tendências que caracterizam o estado do sistema de apoio à ciência

O acesso barato e fácil a novas tecnologias digitais, tais como a banda larga, a internet e os telefones celulares aceleraram a difusão das melhores práticas em tecnologia, revolucionaram a organização interna e externa das atividades de pesquisa, e facilitaram a implementação de centros de pesquisa e desenvolvimento (P&D) pelas empresas em outros países (DAVID & FORAY, 2002).





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os países têm se atualizado rapidamente em termos tanto de crescimento econômico quanto de investimento em conhecimento, e isso se expressou no investimento em educação superior e P&D. Isso pode ser observado no crescente número de pessoas formadas em ciência e tecnologia.



O impacto da recessão global no mundo pós-2008 ainda não se refletiu nos dados de P&D, mas é evidente que a recessão desafiou, pela primeira vez, os antigos modelos de comércio e crescimento Norte-Sul com base na tecnologia (KRUGMAN, 1970; SOETE, 1981; DOSI et al., 1990). Cada vez mais, a recessão econômica global parece desafiar o predomínio do Ocidente em termos de Ciência e Tecnologia (C&T).

**Fonte:** (HOLLANDERS & SOETE, 2010, p. 05)

O surgimento dessas novas tendências mundiais está ligado à crescente participação e o desenvolvimento de matrizes institucionais globais. No investimento dos países em desenvolvimento em educação superior e na implementação de centros de pesquisa e desenvolvimento em países em desenvolvimento emergentes como Brasil, China, Índia, México e África do Sul. A Índia, por exemplo, decidiu inaugurar 30 novas universidades para aumentar o número de alunos matriculados de menos de 15 milhões em 2007 para 21 milhões até 2012 (HOLLANDERS & SOETE, 2010, p. 05).

Outro fator importante é que enquanto a Europa e o EUA estão tentando superar a crise econômica ocasionada pela recessão às empresas de economias emergentes estão apresentando um crescimento doméstico sustentando e aumentando o seu nível na cadeia de valor agregado, ou seja, está desenvolvendo, de forma autônoma, tecnologias de processos, de produtos, *design* e pesquisa aplicada (HOLLANDERS & SOETE, 2010, p. 05).

Essa nova conjuntura planetária promoveu historicamente o crescimento econômico global singular nos anos de transição entre os milênios (1996-2007), sendo que o PIB per capita real aumentou a uma taxa média anual de 1,88%, o que evidencia a importância da ciência para o desenvolvimento econômico mundial.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Mas, caso se tenha um olhar apenas voltado para os processos que geram o desenvolvimento, estaremos omitindo o caráter “crísico”<sup>6</sup> que causa destruição/desorganização econômicas, sociais e culturais (MORIN, 2012).

Nesse contexto é relevante realizar algumas indagações: Quais serão as consequências deste progresso linear? Será que ele consegue constituir o equilíbrio entre desenvolvimento e sustentabilidade? E as pessoas, como estão vivendo na contemporaneidade?

Atualmente, mais de 800 mil refugiados na África sofrem com falta de alimentos devido à escassez de recursos, ameaçando piorar os níveis já inaceitáveis de desnutrição, anemia e nanismo, que atingem especificamente as crianças. Cerca de 2,4 milhões de refugiados africanos estão espalhados em 200 locais de 22 países, e dependem do Programa Mundial de Alimentos para sua alimentação regular (ONU BRASIL, 2014).

O Brasil, de acordo com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), possui (em outubro de 2014) 7.298 refugiados reconhecidos, de 81 nacionalidades distintas (25% deles são mulheres).

Em relação aos ataques de grupos radicais, podem-se destacar dezenas de pessoas que foram mortas ou sequestradas pelo grupo islâmico Boko Haran, que ataca cidades e aldeias de Camarões e da Nigéria. No início do mês de janeiro de 2015, os jihadistas raptaram 40 jovens de uma aldeia em Malari, no estado de Borno. A maioria dos sequestrados era crianças e jovens do sexo masculino, com idade entre 10 e 23 anos. Por causa desses ataques violentos mais de 868 mil nigerianos tiveram que abandonar seus lares e fugir para outras localidades em busca de proteção, comida e medicamentos (ROGRIGUES, 2015).

Na América Latina e Caribe, mesmo sendo as únicas regiões do mundo que alcançaram antecipadamente a meta de combate à fome dos objetivos de Desenvolvimento do milênio, ainda possuem um equivalente de 37 milhões de pessoas que vivem com fome, sendo que 7,1 milhões de crianças com menos de cinco anos sofrem de desnutrição crônica. A anemia por deficiência de ferro afeta 44,5% das crianças e 22,5% das mulheres em idade fértil. A obesidade, por sua vez, afeta 23% dos adultos (ONU BRASIL, 2015).

Na área ambiental, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) apresentou em 2011 dados alarmantes sobre a quantidade de materiais (biomassa, minerais

---

<sup>6</sup> Termo utilizado por Morin (2012).



metálicos, minerais não metálicos e combustíveis fósseis) que a humanidade extrai da superfície terrestre para movimentar a economia mundial (ABRAMOVAY, 2013).

Na 20ª Conferência das partes (COP20) sobre mudança climática, produziu-se um projeto de acordo, pouco eficiente, tendo em vista que cada país decidirá suas reduções das emissões de dióxido de carbono segundo seus próprios critérios. Esse fator mostra um ato de irresponsabilidade colossal preconizado pelos governantes mundiais. Isso porque o documento deveria ser capaz de fazer o sistema intergovernamental atuar unido e assumir compromissos comuns (SAVIO, 2014).

As incertezas provocadas pelo mundo contemporâneo fez a água aparecer pela primeira vez, desde 2007, em primeiro lugar na pesquisa realizada pelo Fórum Econômico Mundial, como item que pode gerar maior impacto no mundo em 2015 (EcoD, 2015).

As múltiplas relações contraditórias evidenciadas estão entrelaçadas de tal forma que se pode afirmar que a humanidade corre de fato o risco de aniquilamento, o que nos faz pensar em um processo de ações que possam reverter o quadro de destruição no qual, a humanidade se caminha. Nesse sentido, nas linhas que se seguem, pensaremos o contexto da escola, isto é, o que ela pode fazer para colaborar neste processo.

## **2 A escola frente às novas dinâmicas sociais**

A escola vem sendo questionada acerca do seu papel ante as transformações contemporâneas. Isso porque os acontecimentos do mundo atual afetam a educação escolar de várias maneiras, no sentido de enquadrar os sujeitos aprendentes nessa movimentação intensa de acelerado processo de integração e reestruturação capitalista (LIBÂNEO *et al.* 2011, p.51), deixando de realizar as devidas críticas às transgressões que as inovações/criações ocasionam para aqueles que estão à margem da esfera social.

Segundo Ribeiro (1991, p.136), “nossa civilização é fragmentada, é mecanicista, privilegia as relações de causa e efeito, privilegia o sentido quantitativo do comportamento, enobrece a causa final, através do qual a qualidade fica mais clara e o sentido da consciência se torna mais imperioso”. Essa afirmativa evidencia as características das relações sociais



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estabelecidas pelo sistema capitalista. Isso implica dizer que o contexto educacional está inserido numa lógica individualista que favorece o processo de alienação tão presente no processo de ensino-aprendizagem. Para mudar esta realidade é preciso possuir uma visão holística do que significa educar, ou seja, “mistura que aumenta, cria, instrui, ensina e gera, sendo a palavra misturar englobada numa profunda harmonia, convergindo para uma totalidade” (RIBEIRO, 1991, p.136).

Nesse sentido, a educação holística tem em sua essência um componente integrador e harmonioso que une parte - todo – parte, levando em consideração três elementos interacionais: prática, dialética e totalidade existencial.

Larrosa (2002), ao pensar em educação, aponta dois pontos de vista bastante difundidos nas discussões educacionais: os pares ciência/técnica; e teoria/prática. O primeiro remete a uma “perspectiva positiva retificadora”, já o segundo, atende a uma “perspectiva política e crítica”. Para o autor, a perspectiva que parte de uma postura política e crítica consegue provocar nos sujeitos a reflexividade, gerando uma prática pedagógica comprometida com a formação do ser crítico. Entretanto, observa-se que ele propõe a superação dessas duas correntes pedagógicas para uma que se baseie no par experiência/sentido.

Pensar a experiência como algo carregado de sentido é urgente para Larrosa (2002), considerando o acúmulo de vivências sem sentidos oriundas das relações líquidas, estabelecidas no contexto atual. O autor alerta para o fato de que o excesso de informação anula a possibilidade de constituir experiências significativas para a formação do sujeito, e que o sujeito da informação se torna um depósito acumulativo de fatos e dados que não se convertem em sabedoria, inserindo-o em um campo contraditório que o faz perder a percepção de sujeito construtor de sua própria história.

Nesse contexto, fica claro que a subjetividade do sujeito está ameaçada pela busca frenética por informações que não levam a lugar nenhum, o que de fato justifica a possibilidade de “pensar a educação a partir do par experiência/sentido” (LARROSA, 2002, p.20). O fato é que a escola precisa organizar o seu currículo de modo que proporcione aos educandos à geração de conhecimentos que os permitam compreender a ciência em sua



totalidade, tanto para facilitar o surgimento de novos cientistas, como também para gerar uma sociedade com “consciência planetária”, repleta de sujeitos que estarão preocupados acima de tudo com o bem estar social da comunidade planetária. Por isso, defendemos a popularização da ciência como importante elemento no processo educativo.

### **3 A urgência de uma popularização da ciência nos processos escolares**

Germano (2007, p.19) explica que o termo “popularização da ciência” surge na França no século XIX como uma forma alternativa ao conceito de vulgarização. No entanto, é na Inglaterra que o termo consegue maior penetração. A difusão do termo no Brasil torna-se evidente a partir da “criação do Departamento de Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia, órgão vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia que tem como principal atribuição formular políticas e implementar programas nesta área”.

Moreira<sup>7</sup> (2006) defende o processo de popularização da ciência e tecnologia como elemento preponderante de inclusão social. Comenta que

Um dos aspectos da inclusão social é possibilitar que cada brasileiro tenha a oportunidade de adquirir conhecimento básico sobre a ciência e seu funcionamento que lhe dê condições de entender o seu entorno, de ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho e de atuar politicamente com conhecimento de causa (MOREIRA, 2006, p.11).

Partindo desta premissa, o estudo corrente compreende que para atender especificamente este aspecto todos os esforços deverão estar orientados para uma perspectiva popular, tendo em vista que o termo popular está relacionado a certas dimensões fundantes que possibilitam inserir os sujeitos nos contextos relacionais contemporâneos.

Nesse sentido, Melo Neto (2002, p.13) explica que “algo pode ser popular se tem origem nos esforços, no trabalho do povo, das maiorias (classes), dos que vivem e viverão do trabalho”, sendo que o direcionamento das ações dos setores sociais deve estar comprometido com suas lutas, ou seja, que as medidas a serem tomadas beneficiem essas maiorias.

---

<sup>7</sup> Diretor do Departamento de Difusão e Popularização de Ciência e Tecnologia



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Posteriormente, o popular deve apresentar uma dimensão política em “defesa dos interesses dos setores da maioria ou das classes majoritárias”. As ações políticas, em um segundo momento, deverão ser reativas, para “buscar alternativas que conduzam às iniciativas para o plano político geral da sociedade” (MELO NETO, 2002, p.14). O popular, enquanto metodologia, expressa-se na promoção do diálogo entre os participantes das ações, isso porque o princípio do diálogo oferece condições para a proliferação do pluralismo das ideias.

A popularização se expressa, nesse contexto, como campo de participação popular, convertendo-se “ao serviço e às causas das maiorias e minorias oprimidas numa ação cultural que, referenciada na dimensão reflexiva de comunicação e no diálogo entre diferentes, oriente suas ações respeitando a vida cotidiana e o universo simbólico do outro” (GERMANO, 2007, p.24).

Se a escola voltar-se para a inclusão social por meio de ações que colaborem no processo de popularização da ciência poderemos efetivar a formação de sujeitos capazes de agir a favor do bem estar, da segurança e da sobrevivência do coletivo planetário. Enfatizamos que ensinar e aprender são incumbências da escola, enquanto isso, “o fazer ciência é tarefa da comunidade científica”. Entretanto, “ambos se complementam embora sejam distintos e com características próprias” (WERNECK, 2006, p.173). É certo que o processo de ensino não se deve confundir com o da produção científica, mas que o primeiro antecede o segundo, sendo o processo educacional necessário.

Esse é o desafio da escola, buscar excelência no ensino, da mesma forma que o pesquisador busca excelência na pesquisa. É papel de a escola tornar o ensino “uma formação de referência e desenvolvimento da capacidade de avaliação que vai ser fundamental para a produção científica e tecnológica” (WERNECK, 2006, p.173) ou para as decisões políticas que envolvem a sua aplicabilidade.

### **Considerações Finais**

O mundo se encontra em um verdadeiro caos que pode ocasionar o aniquilamento da humanidade. Por isso, é emergente olhar as crises ocasionadas pelo desenvolvimento



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

científico e tecnológico de modo binocular. Não se pode tomar uma atitude radical a ponto de negar a ciência e as tecnologias geradas por ela. Cabe aos processos educativos realizar as críticas e construir meios que as tornem ferramentas capazes de reverter o atual quadro de deterioração. Nesse contexto, a educação escolar é convidada a participar desse processo com o objetivo de promover o conhecimento por meio das experiências e dos sentidos.

Salientamos que para que a humanidade crie uma consciência planetária é imprescindível à popularização da ciência e da tecnologia, mesmo sabendo que ela (a popularização) não é “a solução” para este problema, mas não deixa de ser uma alternativa.

O desafio da escola é possibilitar uma visão crítica que possa organizar ações que ajudem os setores sociais a se mobilizarem em prol do coletivo. Concordamos que essa não é uma tarefa fácil, mas não é algo impossível.

### Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **A insustentável leveza da desmaterialização global**. Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 21. Out. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/colunas/2013/10/1359013-a-insustentavel-leveza-da-desmaterializacao-global.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

EcoDesenvolvimento.org. **Crise da água é principal risco para 2015, revela pesquisa**. Redação EcoD, Brasil, 15 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2015/janeiro/crise-da-agua-e-principal-risco-para-2015-revela?tag=agua>>. Acesso em 18 jan.2015.

GERMANO, M. G.; KULESZA, W. A. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2007.

HOLLANDERS, Hugo; SOETE, Luc. O crescente papel do conhecimento na economia global. In.: UNESCO. **Relatório UNESCO sobre Ciência 2010: o atual status da ciência em trono do mundo**. Resumo executivo. Disponível em: <[unesdoc.unesco.org/images/0018/001898/189883por.pdf](http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001898/189883por.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2015.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 20-28, jan./abr. 2002.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LIBÂNEO, J. C. et al. A educação escola no contexto das transformações da sociedade contemporânea: as transformações técnico-científicas, econômicas e políticas. *In.*: LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Docência em Formação).

MELO NETO, José Francisco de. "**Educação popular: uma ontologia**." Scocuglia A, Melo Neto J, organizadores. Educação popular-outros caminhos. João Pessoa: Editora da UFPB (1999).

MOREIRA, Ildeu de Castro. A inclusão social e popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Digital**, Brasília, v. 1, n. 2. p. 11-16, abr./set. 2006.

MORIN, Edgar. **Para onde vai o Mundo?** 3º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Educação holística. *In.*: BRANDÃO, Denis; CREMA, Roberto. **Visão Holística em Psicologia e Educação**. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

RODRIGUES, Alex. **Dezenas de nigerianos e camaroneses são sequestrados em ataques do Boko Haram**. Agencia Brasil. Brasília, 18 jan. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-01/dezenas-de-nigerianos-e-camarones-sao-mortos-em-novos-ataques-do-boko>>. Acesso em 18 jan. 2015.

SAVIO, Roberto. **O triste futuro de nosso planeta**. Envolverde: Jornalismo e Sustentabilidade. 19 dez. 2014. Disponível em: <<http://envolverde.com.br/ips/inter-press-service-colunistas/o-triste-futuro-de-nosso-planeta/>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

ONU BRASIL. **800 mil refugiados na África sofrem com falta de alimentos devido à escassez de recursos**. 01 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/800-mil-refugiados-na-africa-sofrem-com-falta-de-alimentos-devido-a-escassez-de-recursos/>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

ONU BRASIL. **FAO: 37 milhões de pessoas ainda vivem com fome na América Latina e Caribe**. Envolverde: jornalismo e sustentabilidade, 19 nov. 2014. Disponível em: <<http://envolverde.com.br/saude/fao-37-milhoes-de-pessoas-ainda-vivem-com-fome-na-america-latina-e-caribe/>> . Acesso em: 18 jan. 2015.

UNHCR/ACNUR (Agência da ONU para Refugiados). **Refúgio no Brasil: Uma análise Estatística: janeiro de 2010 a outubro de 2014**. Agencia da ONU para Refugiados. Disponível em:<[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio\\_no\\_Brasil\\_2010\\_2014](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio_no_Brasil_2010_2014)> . Acesso em: 18 jan. 2015.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

WERNECK, Vera Rudge. Sobre o processo de construção do conhecimento: o papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 51, p. 173-196, 2006.